

Paráfrase: um jogo de reflexão e refração de sentidos

Paraphrase: a game of reflection and refraction of senses

Rafaela Freitas Silva¹
Maria Claudiane Silva de Souza²

RESUMO:

A escrita de uma pesquisa, especialmente de artigos científicos que circulam em periódicos, é construída com base em já ditos que devem ficar aparentes. Uma das estratégias dessa visibilidade são as formas de discurso citado, que deixam à mostra os já ditos, os autores e indicam a linha de pensamento que fundamenta a pesquisa, a filiação teórica. É para a relação entre essas estratégias, mais particularmente para as operações parafrásticas, e a filiação teórica que voltamos nossa atenção, neste trabalho. Nosso objetivo é analisar a paráfrase, na escrita de artigos científicos, como atividade de interpretação do discurso de outrem e estratégia de construção da filiação teórica do pesquisador. Investigamos a paráfrase como um esquema linguístico-discursivo de reformulação e produção de um novo dizer, como uma operação marcada por negociações de sentido com a palavra alheia, como uma atividade responsiva e responsável de um sujeito que busca se colocar como filiado a uma linha de pensamento. Delimitamos como objeto de análise artigos de periódicos científicos maranhenses da área de Letras, disponíveis *online*, especificamente artigos que tratam sobre o ensino de língua portuguesa. Exploramos neste trabalho, três artigos que representam a regularidade de operações que encontramos tanto no que se refere aos autores citados quanto às operações parafrásticas realizadas. Para essa problematização, trazemos a concepção de dialogismo e formas do discurso de outrem, de Bakhtin/Volochinov (2014), a concepção de paráfrase de Fuchs (1985), e França (2018) sobre a filiação teórica na escrita acadêmica.

Palavras-chave: Paráfrase; Discurso outro; Filiação teórica.

ABSTRACT:

The writing of a research, especially of scientific papers that circulate in journals, is built on the basis of what has already been said that should be apparent. One of the strategies for this visibility is the forms of quoted speech, which expose the already said, the authors and indicate the line of thought that underlies the research, the theoretical affiliation. It is for the relationship between these strategies, more particularly for paraphrastic operations, and the theoretical affiliation that we turn our attention in this work. Our objective is to analyze the paraphrase, in the writing of scientific papers, as an activity to interpret the other's speech and a strategy to build the researcher's theoretical affiliation. We investigated the paraphrase as a linguistic-discursive scheme of reformulation and production of a new saying, as an operation marked by meaning negotiations with the word of others, as a responsive and responsible activity of a subject who seeks to place himself as affiliated to a line of thought. We have delimited as object of analysis scientific articles from Maranhão in the field of Linguistics, available online, specifically papers dealing with the teaching of Portuguese language. In this work, we explored two papers that represent the regularity of operations that we find both with regard to the authors quoted and the paraphrastic operations performed. For this problematization, we bring Bakhtin / Volochinov's (2014) conception of dialogism and forms of speech, Fuchs's (1985) and França (2018) conception of theoretical affiliation in academic writing.

Keywords: Paraphrase; Other's speech; Theoretical affiliation.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - Campus de São Bernardo. Integrante do Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS-UFMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1690-4069>. E-mail: rafaela.freitas@discente.ufma.br.

² Mestra em Estudos da Linguagem (UFRN). Professora de Língua Portuguesa na Secretária de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso (GETED-UFRN) e do Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS-UFMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3096-361X>. E-mail: claudiane.23@hotmail.com

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

Introdução

“[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)” (BAKHTIN, 2003, p.272).

A citação acima, devidamente identificada como pertencente a Bakhtin, ao resgatada para este artigo, mostra não apenas a palavra alheia marcada, mas também nossa atividade responsiva de pesquisadora iniciante, de sujeito social, que escreve em e para a esfera acadêmica. Nesse sentido, a citação é duplamente a palavra do outro e nossa compreensão marcada sobre o ponto de vista que buscamos desenvolver neste trabalho. enxergar a citação como uma atividade responsiva e complexa significa dizer que o pesquisador dialoga com a voz que cita, desloca a palavra alheia para a construção dos sentidos que busca imprimir ao próprio dizer. Esse deslocamento carrega complexidade especial quando se trata da paráfrase, enquanto interpretação e reformulação da palavra alheia. Dizer o que o outro disse é uma operação carregada de riscos próprios da atividade de interpretação.

Partimos do pressuposto de que a paráfrase é um enunciado-resposta, que não nasce com a intenção de ser a dublagem do discurso de outrem, mas como compreensão ativa que envolve reações do locutor e a busca da melhor forma de expressar sua leitura, a partir dos filtros avaliativos e das palavras que carrega. Na escrita acadêmica, especificamente no artigo científico, a paráfrase é indício da atividade dialógica do pesquisador com autores representantes do discurso científico, da interpretação e da busca pela produção de enunciados, que preservem o sentido do texto-fonte. Nessa escrita, a citação representa a convocação de autores que vão funcionar como aporte teórico, o que costuma ser tratado como filiação teórica do pesquisador a uma linha de pensamento.

O diálogo com outras vozes se constitui como uma necessidade, pois a produção de uma pesquisa científica exige o atravessamento com outros dizeres. Nesse sentido, ao construir um novo dizer, o pesquisador faz uso de citações, que são esquemas linguísticos de enunciação do discurso outro, as quais funcionam como rastro sobre os diálogos que o pesquisador quer pôr à mostra, como uma estratégia de marcar sua posição teórico-metodológica.

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

A complexidade que envolve o discurso citado, especialmente a paráfrase na escrita de uma pesquisa, é o problema a que nos dedicamos. Nosso objetivo consiste em compreender como os pesquisadores dialogam com um texto-fonte para a construção da filiação a uma linha teórica, a partir de parada reflexiva sobre a paráfrase, enquanto esquema linguístico-discursivo de reformulação e produção de um novo dizer.

Nosso objeto de análise são artigos científicos presentes em periódicos maranhenses, disponíveis *online* e ligados a cursos de Letras. Os artigos, levantados e analisados, giram em torno do ensino da Língua Portuguesa. Essa delimitação deve-se a nossa participação no projeto de pesquisa *Filiação teórica e produção científica: análise dos periódicos maranhenses*³, voltado para o estudo da relação entre revistas científicas e produção de conhecimento.

Nesta investigação, apoiamos-nos na teoria dialógica de Bakhtin (2014), nas discussões que este realiza sobre os esquemas linguísticos de citação do discurso outro na construção de um dizer; nos estudos de Fuchs (1985) sobre concepção plural de paráfrase e no trabalho de França (2018) sobre a filiação teórica na escrita acadêmica.

O discurso outro na escrita de uma pesquisa e o sentido de filiação teórica

Partimos da concepção dialógica da linguagem, segundo a qual todo enunciado é atravessado pela voz do outro, e a verdadeira substância da língua não se constitui por um sistema abstrato de formas linguísticas, mas sim “[...] pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*”. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p.127, grifos do autor). Ou seja, nossa compreensão de diálogo não se restringe à comunicação de pessoas colocadas face a face, mas à ideia de que nos constituímos como sujeitos falantes de uma língua a partir da interação social, do mergulho no fluxo da comunicação verbal. Desse modo, os enunciados, que cada pessoa elabora, estão carregados de sentidos e de valores apreciativos de discurso outros.

ISSN: 2359-1064

³ O projeto *Filiação teórica e produção científica: análise dos periódicos maranhenses* tem apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e vem sendo desenvolvido no Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS), da Universidade Federal do Maranhão.

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

As experiências pessoais são também sociais, nesse sentido retomar a palavra do outro é inerente ao ato de dizer. Nenhuma palavra é exclusivamente nossa, pois traz sempre a presença e a voz do outro. Segundo Bakhtin/Volochinov (2014, p.153-154), “Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores”. Um ser que apreende a enunciação de outrem, compreende e responde ativamente, produzindo um novo enunciado.

Algumas retomadas são feitas como se sempre estivessem presentes, como se fossem naturais, esse é o caso de enunciados frequentes como “bom dia” ou “como você está?”. Outras retomadas são tratadas com o cuidado de quem monitora o modo como citar o discurso de outrem. Este segundo movimento é o que nos importa discutir ao tratar da citação na escrita de uma pesquisa, considerando as ideias de Bakhtin/Volochinov (2014). Na concepção bakhtiniana, os esquemas de discurso citado precisam ser tratados não como parágrafos e explicados com base em critérios internos ao sistema da língua, mas como um problema de transmissão da enunciação de outrem e de integração de enunciações, de discurso no e sobre o discurso.

Bakhtin/Volochinov (2014) discute sobre os esquemas de discurso citado como uma reação da palavra à palavra, como materialidade linguística que indicia a recepção ativa do discurso de outrem e sua transmissão no interior de um enunciado situado, contextualizado. Essa recepção e transmissão não partem de um sujeito mudo, ou de alguém desprovido de palavras, mas de um ser social carregado de palavras interiores, de sentidos construídos a partir das experiências pessoais e interações sociais, mediante a relação que o sujeito estabelece com a palavra alheia a fim de torná-la palavra própria.

Nesse sentido, os esquemas, a partir dos quais a palavra de outrem se mostra na escrita de uma pesquisa, não podem ser vistos como um recurso formal sobre como citar, mas como esquemas que devem saltar aos olhos do leitor como vozes que são recuperadas, porque, em alguma medida, contribuem para a construção do ponto de vista que o pesquisador busca deixar à mostra.

A escrita de uma pesquisa científica mostra o confronto entre a palavra alheia e a palavra própria, pois ao escrever faz-se necessário convocar vozes para constituir a fundamentação teórica da pesquisa. Citar a palavra alheia é comum e faz parte da construção da escrita acadêmica, aquele que escreve sempre retoma outras vozes, seja para sustentar seu posicionamento, seja para legitimar seu discurso. França (2018)

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

analisa as formas de mobilizar a palavra alheia dentro da escrita acadêmica, observa-a para compreender o movimento que o pesquisador realiza com a voz alheia, a fim de fundamentar o próprio dizer e dessa forma marcar sua ligação a uma linha teórica.

O movimento que o pesquisador faz ao escolher e convocar as vozes para dentro da sua pesquisa, mostra sua compreensão da palavra do outro, ele reage a elas segundo o seu filtro apreciativo e mostra sua interpretação dando origem a novos enunciados. Assim, vai desenhando sua filiação a uma voz teórica ou a uma linha de pensamento, sinalizando o lugar e a função das vozes alheias na escrita da pesquisa. Isso acontece a partir da relação de compreensão das vozes teóricas, pois os autores que são convocados não são meros personagens sociais, mas vozes portadoras de autoridade científica e construtoras de linhas de pensamento teórico.

Na escrita acadêmica, o discurso citado não acontece de forma idêntica às narrativas literárias, que mobilizam a voz do narrador e as vozes dos personagens. Nessa escrita, aspas, recuo, referências nominais de autores são operações linguístico-discursivas que indiciam os modos como o enunciador dialoga com outros pesquisadores, como se coloca filiado a uma linha de pensamento teórico.

França (2018) problematiza o sentido de filiação na escrita acadêmica, a partir de um estudo sobre teses de doutorado, e mostra que os autores citados assumem diferentes posições e formam arranjos familiares. A citação permite observar como o pesquisador estabelece a relação entre os autores citados e a função exercida nesses arranjos. Ao construir sua pesquisa, a autora encontra famílias teóricas emergindo da escrita de uma pesquisa, também constatou que os membros dessas famílias têm funções desempenhadas ao longo da escrita, com níveis de importância diferentes, cada membro foi nomeado como voz na pesquisa, que conheceremos a seguir:

a) *Voz referência*: é a voz principal a qual o sujeito se filiou e decidiu dá continuidade. O teórico que ocupa esta posição na pesquisa age como voz de maior força direcionando todas as outras que serão convocadas ao longo da escrita da pesquisa;

b) *Voz aliada*: é a que faz aliança com a voz referência da pesquisa, uma aliança entre disciplinas diferentes, este teórico sempre precisa vir de outra área;

3) *Voz descendente*: é o teórico que se liga de forma direta à voz referência, aquele que primeiro se filiou ao teórico principal e decidiu dar continuidade a pesquisa, alcançando legitimação como quem descende daquela teoria;

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

c) *Voz parceira*: atua como participante da discussão concordando com a voz referência enquanto parceiros unidos por um propósito comum, defendendo uma mesma causa;

d) *Voz memorável*: é um teórico consagrado, com autoridade científica, fundador de uma teoria bem reconhecida, aquele quem obrigatoriamente é preciso citar quando se trata de um determinado assunto, no entanto, aparece apenas como menção, para não ser esquecido;

e) *Voz do interlocutor*: aquele para quem os enunciados são dirigidos, mesmo que não esteja presente, a sua presença é marcada, não podendo deixar de discutir, uma vez que a importância do interlocutor se faz indispensável no processo de escrita.

A partir do conhecimento dessas vozes é possível compreender a função que cada voz desempenha dentro da escrita de uma pesquisa científica e como o pesquisador mobiliza cada voz ao dialogar com elas e assim, marca sua filiação teórica.

Os movimentos que o pesquisador faz com a voz do outro, como destaca Miranda (2019), são carregados de novos sentidos, construídos e mobilizados, a partir de uma leitura implicada por parte do leitor. Esses movimentos indicam como ele articula determinados conceitos e teorias, permitem entender como ele internaliza e compreende os textos, como lida com as vozes convocadas, principalmente aquelas com as quais mantém maior diálogo e indiciam a filiação teórica.

É importante dizer que esse diálogo com a palavra alheia é marcado por tensões, por escolhas sobre quem, o que e como citar. Na escrita acadêmica, o discurso direto compreende recortar um trecho de um enunciado, cujo autor é identificado nominalmente, e utilizar recursos como as aspas e o recuo como uma forma de isolar as palavras daquele que cita e daquele que é citado. No discurso indireto, essas fronteiras entre as palavras do texto-fonte e das palavras de quem cita misturam-se, ou seja, o pesquisador faz uso de suas próprias palavras para trazer o outro para dentro do seu discurso, como fonte geradora de sentidos. Essa incorporação do discurso outro envolve compreensão e apreciação do enunciatador, que responde ativamente e integra o discurso de outrem no próprio dizer. O discurso indireto mostra a compreensão leitora, a busca pela preservação do sentido da enunciação de outrem, a construção de um novo enunciado dialogicamente elaborado (FRANÇA, 2018).

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

A filiação teórica pode ser observada e compreendida a partir de várias operações linguístico-discursivas que são observáveis na materialidade linguística, tais como as aspas, o itálico, os esquemas de citações de discurso de outrem, bem como a paráfrase. Segundo França (2018, p. 69), essas operações “[...] são indícios que permitem verificar as vozes com as quais o sujeito dialoga, e o lugar que atribui a cada uma na constituição da família teórica da qual se coloca como membro”. São formas da língua que o sujeito utiliza para estabelecer o diálogo com a palavra alheia, mostrando assim uma compreensão da língua e da linha teórica que escolheu.

A partir disso, nossa atenção neste trabalho, volta-se para a análise do discurso indireto que se apresenta como uma paráfrase: operação que envolve recursos linguísticos e interpretação e que também nos permite ver como a filiação acontece dentro da escrita acadêmica. A fim de explorar a especificidade da forma de representação do discurso outro, identificada como paráfrase, desenvolvemos o item que segue.

Paráfrase: uma operação linguístico-discursiva

Fuchs (1985) diz que o estudo da paráfrase ganha notoriedade por volta dos anos 1960, a partir de uma série de transformações no desenvolvimento dos estudos linguísticos, que colocam em cena o discurso nos estudos dos fenômenos da língua. Diz ainda que a discussão sobre a paráfrase não é exata e envolve pontos de vista opostos, pois é um dado imediato da consciência, uma atividade de interpretação e reformulação, assim como é também produto de construções teóricas, objeto linguístico que emerge dessas atividades, da relação entre os enunciados equivalentes de uma língua. A autora, a partir de uma retomada histórica, apresenta três abordagens sobre paráfrase, que são: (1) como perspectiva lógica da equivalência formal, (2) como perspectiva gramatical da sinonímia e (3) como perspectiva retórica da reformulação.

Para tratar da primeira, a autora recupera o sentido que a lógica atribui a proposições equivalentes, ou seja, quando têm o mesmo valor de verdade, se são verdadeiras ou falsas. Essa perspectiva é assumida por alguns linguistas e refutada por outros, uma vez que a noção de verdade para tratar a paráfrase é escorregadia quando se pensa na especificidade do sentido e, efetivamente, é no sentido que repousa o funcionamento linguístico da paráfrase. Logo, se não há uma relação de sentido entre os

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

enunciados, a noção de paráfrase fica comprometida. Nas palavras de Fuchs (1985, p.130), “Esta abordagem da paráfrase em termos de equivalência formal se defronta com dois tipos de problemas: a consideração do léxico e o impacto semântico das operações de derivação”.

A segunda abordagem, que vê a paráfrase como sinonímia de frases, repousa sobre a substituição entre termos que possuem equivalência semântica e é apresentada por Fuchs (1985), considerando que o debate sobre sinonímia é desenvolvido por gramáticos desde a antiguidade. Afinal, os sinônimos referem-se à identidade verdadeira de sentido ou apenas a proximidade semântica? Essa pergunta, segundo a autora, continua sendo atual e tem recebido respostas diferentes, pois envolve discussões sobre a estabilidade do referente, o sentido denotativo de base, o dado imediato da consciência dos interlocutores.

Os semanticistas, segundo Fuchs (1985, p.132), caracterizam a paráfrase em termos de identidade de um núcleo de partida semântico comum, e sobre este, vão se anexando semantismos diferenciais, que interferem e podem causar alteração de vários níveis no sentido do referente inicial, do núcleo de partida, especialmente quando consideramos que o contexto situacional interfere na escolha e no sentido dos termos. Ou seja, a identidade do referencial é uma condição necessária da sinonímia, no entanto, não é suficiente, uma vez que “[...] pode-se referir a um mesmo objeto ou a um mesmo estado de coisas de modo semanticamente divergente, e até mesmo contraditório”.

A terceira abordagem, que se refere à paráfrase como perspectiva retórica de reformulação, vê esse esquema de discurso outro “[...] como um atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo” (FUCHS, 1985, p. 133). O texto pode ser formulado de duas maneiras: aquela que repousa sobre uma interpretação prévia do texto-fonte e aquela que identifica a significação do texto-fonte reconstruída na significação do novo texto.

A reformulação parafrástica, que se volta para a interpretação prévia do texto-fonte, caracteriza-se pela interpretação variável, isso porque a atividade interpretativa acontece a partir das experiências de quem interpreta, das situações, ou seja, os sujeitos percebem e compreendem o texto de modos diferentes. O sujeito interpretante constrói seus

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

enunciados como um movimento de deslocamento, de deslizamentos, de ponderações, que deixam à mostra o diálogo com o texto-fonte.

A reformulação parafrástica diz respeito às operações a partir das quais vê-se o investimento do sujeito interpretante para identificar a significação do texto-fonte e reconstruí-la na produção de um novo texto. Interpretar, no entanto, é arriscar-se na aventura do sentido, é ser capaz de mostrar concordâncias, mas também estabelecer polêmicas e, pode ainda, como diz Fuchs (1985, p.134) oscilar entre “[...] a reprodução pura e simples do conteúdo e a sua deformação”.

É importante dizer que, ainda que dois enunciados não carreguem traços linguísticos de parentesco semântico, a parafrase pode acontecer a partir de aspectos extralinguísticos e situacionais e seu reconhecimento pode ser percebido pela presença de marcadores de reformulação parafrástica, tais como: X quer dizer Y; X e Y significam a mesma coisa; X em outras palavras é Y (FUCHS, 1985). Esses marcadores e o jogo metaenunciativo, que estabelecem, constituem a paráfrase e possibilitam seu estudo sob o ponto de vista linguístico e discursivo, tratados como um *continuum*, assim como ajudam a entender como o pesquisador mobiliza textos-fontes para construir o diálogo como uma linha de pensamento teórico, especificamente com textos de autores que representam o pensamento da linha teórica a qual o pesquisador toma como fundamento da própria pesquisa.

De acordo com Miranda (2019), na escrita acadêmica o uso da paráfrase se constitui como estratégia de escrita que valida o fazer científico. É uma operação constitutiva à escrita acadêmica, por se constituir como ligação entre dois textos que dialogam entre si, além de ser uma operação de reformulação, de explicar e dizer de outro modo o que já foi dito anteriormente por outra pessoa, porém, com outras palavras, e conseqüentemente, introduzindo novos sentidos em suas retomadas. Dessa forma, a discussão sobre paráfrase se faz indispensável, uma vez que permite ver como acontece a produção de conhecimento científico, pela forma como as teorias e conceitos são mobilizados e reformulados pelo pesquisador.

Ademais, a paráfrase é uma das operações que indicia a filiação teórica e permite observá-la e identificá-la a partir das vozes que o sujeito escolheu durante o seu processo de escrita da sua pesquisa, mediante os movimentos de paráfrase que foram feitos, das vozes que foram citadas e parafraseadas.

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

Paráfrase: o encontro com o outro na escrita

A discussão que levantamos sobre a paráfrase, coloca em cena o simbólico encontro com o outro, marca o diálogo com discursos outros que representam uma linha de pensamento. Damos continuidade a essa discussão a partir de nosso objeto de análise: artigos científicos recortados de revistas científicas maranhenses da área de Letras.

Levantamos as edições *online* da “Afluente”, periódico ligado ao curso de Letras, Campus Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão. Mapeamos as edições, no período de 2017 a 2018, em busca de artigos voltados para pesquisa sobre o ensino de Língua Portuguesa na escola, e encontramos três artigos que tratam sobre ensino de escrita e leitura em sala de aula, que nomearemos como: AT1 (Artigo 1), AT2 (Artigo 2), AT3 (Artigo 3). Os pesquisadores dos artigos em questão, serão nomeados e enumerados, respectivamente, como: P1 (Pesquisador 1), P2 (Pesquisador 2) e P3 (Pesquisador 3), e quando retomados no texto trazem o mesmo nome e enumeração. Os trabalhos têm recorrentes movimentos parafrásticos com a palavra alheia, retomada com a finalidade de mostrar a filiação teórica do pesquisador. Para esta pesquisa iremos selecionar apenas os excertos do AT3 (Artigo 3), do P3 (Pesquisador 3) para mostrar os movimentos parafrásticos.

Não é nosso interesse fazer uma exposição quantitativa, mas uma análise qualitativa de operações parafrásticas que observamos na escrita acadêmica e que marcam o encontro do pesquisador com o discurso outro, mostram os jogos interpretativos e a construção de um novo dizer a partir dos já ditos.

No artigo analisado, paramos nosso olhar problematizador sobre o que França (2018) chama de voz referência no processo de construção da filiação teórica. Segundo a referida autora, a escrita acadêmica é um gênero no qual a citação é uma exigência, um modo de dizer que o conhecimento científico não é espontâneo nem isolado, mas construído a partir dos discursos já proferidos, seja na condição de propor uma continuação, seja de ler os fenômenos sob a ótica de um ponto de vista teórico, ou ainda de atualizar e expandir uma linha de pensamento científico. A voz referência corresponde aos autores anunciados e mobilizados na escrita como fundamentais à construção da pesquisa. São nomes próprios legitimados academicamente pelas contribuições que

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

deram ao campo científico, vozes que representam a linha teórica à qual o pesquisador filia-se.

Vamos, então, analisar os movimentos parafrásticos realizadas com os autores que foram considerados como voz referência, observar como o locutor lê, interpreta e escreve sobre essa interpretação, como mobiliza a palavra alheia a fim de colocar-se como parte de uma família teórica. Na introdução do AT3, vários autores são apresentados como aporte teórico, dentre os quais se destacam os nomes: Antunes e de Dolz, Noverraz e Schneuwly, colocando-os como vozes referência do trabalho, como representantes de uma linha de pensamento adotada pelo pesquisador em seu itinerário de investigação sobre o ensino.

Mapeamos as paráfrases realizadas a partir das vozes referência e levantamos três operações interpretativas que nomeamos como: a) reformulação com uso de palavras-chave; b) reformulação com supressão de palavras indiciárias e c) preservação e substituição como jogo de contrários.

Para apresentar essas operações, buscamos os textos-fontes (das vozes referência) para fazer a relação comparativa entre o discurso citado (texto-fonte) e a paráfrase (Artigo 3). Os textos-fontes das vozes referência do artigo estão nas produções: *Aula de português: encontro & interação*, de I. Antunes; e *Sequências didáticas para o oral e a escrita: a apresentação de um procedimento*, de J. Dolz; M. Noverraz; B. Schneuwly.

Reformulação com uso de palavras-chave

No processo de reformulação parafrástica do texto-fonte, o pesquisador sintetiza o discurso outro e mantém o sentido, a partir do uso de palavras-chave que retomam as principais ideias exploradas no texto citado. Nos fragmentos a seguir, o texto-fonte refere-se à discussão de Antunes sobre o processo de escrita de um texto.

ISSN: 2359-1064

TABELA 1 – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA A

Texto-fonte (1)	Artigo 3 - AT3/P3
Elaborar um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa,	Além desses conhecimentos ativados no processo de escrita, vale destacar que a

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

<p>simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever: Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. Cada etapa cumpre, assim, uma função específica, e a condição final do texto vai depender de como se respeitou cada uma dessas funções. (ANTUNES, 2003, p. 54, grifos nossos)</p>	<p>produção de textos demanda várias etapas, dado que “produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis” (ANTUNES, 2003, p. 54). De acordo com Antunes (2003), a escrita deve passar pelas seguintes etapas: planejamento, escrita, revisão/reescrita. Nesse sentido, é preciso desenvolver em sala de aula sequências didáticas que proporcionem o exercício das etapas de produção escrita (P3, grifos nossos).</p>
---	---

Fonte: Antunes (2003) e AT3/P3

Neste primeiro excerto, o P3 ao citar Antunes faz o uso da citação direta e, em seguida, faz o uso da citação indireta do texto-fonte. A paráfrase é inserida a partir do modalizador de discurso segundo e da indicação nominal da voz referência citada “**De acordo com Antunes (2003)**”, o que se configura como uma marca linguística do discurso que o P3 busca mostrar sobre a escrita como uma atividade processual, organizada em etapas, a partir da voz de uma autora legitimada na esfera acadêmica. No AT3 analisado, Antunes é convocada como referência, dada a sua contribuição sobre o ensino de língua portuguesa na escola. Nesse sentido, citar a referida autora reflete a concepção de ensino que o P3, busca defender.

AT3 – “De acordo com Antunes (2003), a escrita deve passar pelas seguintes etapas: **planejamento, escrita, revisão/reescrita**” (P3, grifos nossos).

Texto-fonte – “Ou seja, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever: Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, **várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita**” (ANTUNES, 2003, p. 54, grifos nossos).

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

O P3 faz uma reformulação do texto-fonte, e apresenta uma síntese do discurso outro a partir do uso pontual de palavras-chave, que sintetizam as etapas da escrita: **planejamento, escrita, revisão/reescrita**, apresentadas no texto-fonte. Esse uso pontual, no entanto, não significa passividade, ao contrário, especialmente quando observamos dois movimentos realizados pelo P3: a supressão de adjetivos (**interdependentes e intercomplementares**) que caracterizam as etapas da escrita; e ainda a união de dois termos (**revisão/reescrita**) para identificar a terceira etapa da produção de textos.

Ao parafrasear o texto de Antunes (2003), o P3 faz o uso da paráfrase por equivalência formal, pois há uma relação de sentido entre os dois enunciados (FUCHS, 1985). No entanto, a retirada dos adjetivos e o privilégio dado aos substantivos mostram o jogo que o P3 realiza para preservar o sentido do que considera essencial e das palavras que devem ser registradas para marcar as etapas. Essa ausência, entretanto, interfere no sentido, visto que o texto-fonte não concebe as etapas acontecendo de forma separada. Elas podem até ser verificadas separadamente, no entanto, não podem acontecer isoladamente pois, como diz Antunes (2003), uma depende e complementa a outra. A barra (/), entre os termos **revisão/reescrita**, imprime a ideia de que são fases integradas. O texto-fonte separa os termos e considera que revisão e reescrita são momentos diferentes, um não equivale ao outro.

Em um primeiro olhar, percebe-se uma relação de sentido entre os dois textos, porém, o que parece correspondente entre os dois textos mostra uma alteração de sentido quando aproximamos a lupa. Os movimentos realizados mostram ainda que, dizer o que o outro disse, não significa dizer o mesmo, especialmente quando o sujeito interpretador escreve um texto acadêmico retomando e identificando a palavra alheia.

AT3 – “De acordo com Antunes (2003), a escrita deve passar pelas seguintes etapas: planejamento, escrita, revisão/reescrita. **Nesse sentido**, é preciso desenvolver em sala de aula sequências didáticas que proporcionem o exercício das etapas de produção escrita” (P3, grifos nossos). ISSN: 2359-1064

Alguns elementos linguísticos colocados pelo P3 dentro do texto, funcionam como sua compreensão sobre o teórico ao qual está filiado e marca, nesse sentido, a voz do outro reformulada dentro do seu discurso. De acordo com Fuchs (1985), mesmo que a

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

paráfrase não aconteça por meio de recursos linguísticos que tenham uma relação de sentido, ela pode acontecer por meio de marcadores de reformulação parafrásticos, que atuam como mecanismos de reformulação para dizer de modo diferente o que já foi dito anteriormente.

No excerto do AT3 citado acima, a paráfrase acontece a partir do marcador parafrástico “**Nesse sentido**”. O P3 reflete sobre o discurso outro e escolhe a melhor forma de dizer as ideias que foram retomadas a partir da voz teórica que foi escolhida para fundamentar teoricamente a sua pesquisa, a fim de mostrar sua compreensão e deixar as ideias mais transparentes, porém, sem perder a originalidade dos conceitos. Além de mostrar sua compreensão sobre o discurso outro, ele marca também sua filiação teórica, por meio da seleção das palavras, o valor que atribui a elas e pela maneira como expõe sua compreensão sobre o que foi lido (FRANÇA, 2018).

Reformulação com supressão de palavras indiciárias

O texto, a seguir, também foi retirado do livro *Aula de Português: encontro & interação*, de Irandé Antunes. No movimento de reformulação, acontece a supressão de palavras indiciárias, ou seja, as palavras que no texto-fonte estão colocadas em evidência com o uso do itálico. As palavras em itálico, como diz Authier-Revuz (2004), registram ênfase e uma asserção, trata-se de um modo de deixar marcado que é exatamente essa palavra que o locutor quer dizer.

TABELA 2 – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA B

Texto-fonte (2)	Artigo 3 – AT3/P3
À segunda etapa, <i>a etapa da escrita</i> , corresponde a tarefa de <i>pôr no papel</i> , de registrar o que foi planejado. E a etapa da escrita propriamente dita, do registro, quando concretamente quem escreve vai seguir a planta esboçada e dar forma ao objeto projetado (imagine o que é fazer uma construção sem planejamento!). É quando	A segunda etapa corresponde à escrita do texto, nessa atividade, o aluno seleciona as palavras e estrutura as frases, assegurando, assim, a coesão e coerência do texto (P3, grifos nossos)

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

aquele que escreve toma as decisões de ordem lexical (**a escolha das palavras**) e de ordem sintático-semântica (**a escolha das estruturas das frases**), em conformidade com o que foi anteriormente planejado e, evidentemente, em conformidade, ainda, com as condições concretas da situação de comunicação. Sempre atento, sempre em estado de *reflexão*, **para garantir sentido, coerência, relevância**.

(ANTUNES, 2003, p. 55, grifos em itálico da autora do texto-fonte; grifos em negrito nossos)

Fonte: Antunes (2003) e AT3/P3

É possível observar que, no texto-fonte, as expressões: “*a etapa da escrita, pôr no papel, reflexão*”, estão postas em destaque com o uso do itálico. O P3, no AT3, retoma uma das expressões destacadas no texto-fonte – *escrita* -, e exclui as demais. A supressão compromete o sentido de escrita como um processo que envolve a tarefa de materializar o discurso, a partir da atividade reflexiva, ou seja, não basta fazer parágrafos, pois a forma por si só é insuficiente. O sujeito precisa colocar-se em “estado de *reflexão*” que envolve o que, como, para quem, para que e onde dizer. É a junção da tarefa com o estado, a materialidade e a atividade responsiva de um sujeito situado. A supressão, então, altera o sentido do texto-fonte e mostra a não obviedade do dizer.

AT3 – “A segunda etapa corresponde à escrita do texto, nessa atividade, **o aluno seleciona as palavras e estrutura as frases, assegurando, assim, a coesão e coerência do texto**” (P3, grifos nossos).

Texto-fonte – “À segunda etapa, *a etapa da escrita*, corresponde a tarefa de *pôr no papel*, de registrar o que foi planejado [...] É quando aquele que escreve toma as decisões de ordem lexical (**a escolha das palavras**) e de ordem sintático-semântica (**a escolha das estruturas das frases**), em conformidade com o que foi anteriormente planejado e, evidentemente, em conformidade, ainda, com as condições concretas da situação de comunicação. Sempre atento, sempre em estado de *reflexão*, **para garantir sentido, coerência, relevância**” (ANTUNES, 2003, p. 55, grifos em itálico da autora do texto-fonte; grifos em negrito nossos).

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

A supressão de palavras que estão postas em destaque faz com que ocorra uma interferência na produção de sentidos à medida que não preserva o itálico nas palavras no texto-fonte. O itálico é um sinal tipográfico de ênfase, que dá destaque às palavras, mostrando que são importantes e solicitam maior atenção. Atua como indicações que encaminham o leitor sobre as palavras que não podem ser esquecidas, porque carregam o cerne da segunda etapa da produção de texto escrito. O texto-fonte desenvolve uma espécie de sequência didática dos passos a serem desenvolvidos por quem se coloca na condição de produtor de um texto. Assim, a supressão afeta o sentido.

Ao parafrasear o texto-fonte, o P3 faz o uso da paráfrase por sinonímia, pois acontece a substituição entre termos que possuem equivalência semântica, esse movimento mostra o jogo interpretativo produtor de paráfrase, trata-se da estratégia de substituição e acréscimo dos termos. No texto-fonte, temos a sequência “sentido, coerência e relevância” como elementos importantes da fase da escrita e que são alcançados a partir da reflexão; no AT3 a sequência é substituída por **coesão e coerência do texto**, uma operação que nos parece uma espécie de leitura apressada do texto-fonte, marcada por trocas de termos cujos sentidos não contemplam a tríade do texto citado.

A paráfrase mostra que o diálogo do P3 com a voz que ele delimita como referência é um movimento complexo e que deixa marcas sobre sua interpretação, sobre o que ele lê e como conta sobre o que leu. De acordo com Fuchs (1985), a interpretação dos sujeitos é variável, segundo as experiências, os aspectos sociais e ideológicos do sujeito na lida com a palavra alheia. Cada retomada que o sujeito faz, a paráfrase se apresenta de forma diferente, pois o enunciado nunca se repete, e dessa forma, a cada paráfrase surge um novo enunciado e não apenas a repetição do mesmo, por isso novos sentidos surgem. Filiar-se a determinada voz teórica não é reproduzir fielmente os já-ditos, mas atribuir também novos sentidos, pois a filiação mostra-se pela compreensão do sujeito sobre o que foi lido, e essa compreensão nunca é igual, cada sujeito percebe e compreende o discurso de forma diferente.

ISSN: 2359-1064

Preservação e substituição como jogo de contrários



SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

O fragmento do texto-fonte, analisado abaixo, foi recortado do texto de Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly, sobre questões de gramática e sintaxe no ensino de língua na escola. A paráfrase, neste caso, envolve a preservação e substituição das palavras como jogo de contrários, ou seja, uma palavra é substituída por outra, como tendo sentido equivalente, mas, aproximando a lupa, percebe-se que dentro do texto essas palavras assumem sentidos opostos.

TABELA 3 – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA C

Texto-fonte (3)	Artigo 3 - AT3/P3
No plano da sintaxe, as seguintes dificuldades aparecem mais frequentemente nos textos dos alunos: utilização de frases incompletas; falta de variedade na construção das frases; utilização de coordenação mais que de subordinação, pontuação ineficiente. [...]. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97, grifos nossos)	Nesse módulo, as atividades se concentrarão no funcionamento dos conectores que mais aparecem no gênero artigo. [...]. Ao identificar o seu papel no texto, os alunos terão mais um recurso para a revisão e reescrita, uma vez que, segundo Dolz et al. (idem, p. 97), frequentemente os alunos escrevem frases incompletas e com pouca variedade na construção. Além de realizarmos as atividades do livro que se referem aos conectivos [...] (P3, grifos nossos).

Fonte: Antunes (2003) e AT3/P3

Neste excerto, observamos o uso da paráfrase funcionando por equivalência formal (FUCHS, 1985), pois existe uma relação de sentido entre os dois textos. No entanto, ao aproximarmos a lupa, percebemos uma alteração de sentidos quando o P3 faz a substituição da palavra “falta”, presente na passagem “falta de variedade na construção de frases” do texto-fonte pelo signo **pouca**, como se pode ver no esquema de discurso citado: **segundo Dolz et al. (idem, p. 97), frequentemente os alunos escrevem frases incompletas e com pouca variedade na construção.**

AT3 – “[...] segundo Dolz et al. (idem, p. 97), **frequentemente os alunos escrevem frases incompletas e com pouca variedade na construção**” (P3, grifos nossos).

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

Texto-fonte – “No plano da sintaxe, as seguintes dificuldades aparecem mais frequentemente nos textos dos alunos: **utilização de frases incompletas; falta de variedade na construção das frases [...]**” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97, grifos nossos).

Na paráfrase produzida, acontece alteração de sentido uma vez que a palavra **pouca** tem o sentido de limitação de algo que se faz presente; enquanto “falta” corresponde a ausência, a inexistência de algo. Dolz et al (2004) é outra voz a qual o P3 se filia para tratar em seu texto sobre sequência didática e ensino de língua. Na busca, para mobilizar o discurso outro e mostrar o alinhamento com o que diz a voz referência sobre as construções sintáticas que os alunos costumam construir, o P3 marca, pelas formas da língua, a opacidade enunciativa e os desvios de sentido ao substituir um termo por outro. O P3 faz um jogo de contrários a partir dos termos **pouca** e “falta” que modifica o sentido instaurado no texto-fonte.

Essa alteração no sentido entre os dois enunciados mostra a tentativa da construção de um novo enunciado, e do diálogo que P3 quer construir com a voz que convocou para fundamentar sua pesquisa. No entanto, ao fazer essa reformulação, o P3 faz uma cópia do texto-fonte, apenas fazendo alterações de ordem sintática, substituindo palavras que na sua interpretação têm o mesmo sentido, mas que na verdade, analisando dentro do fio discursivo, assumem sentidos opostos. Isso nos faz refletir sobre a especificidade do sentido, no qual repousa o funcionamento linguístico da paráfrase (Fuchs, 1985), e que se há um deslocamento no sentido entre os dois textos, a noção de paráfrase fica comprometida pois, de acordo com Fuchs (1985), é na relação de sentido que a paráfrase acontece.

Essas considerações mostram os limites de explicar a paráfrase como equivalência formal. Nesse processo de parafrasagem, os sentidos são construídos a partir da relação que o sujeito estabelece com os conhecimentos culturalmente construídos, e ao mobilizá-los na materialidade discursiva, novos sentidos são produzidos. E, segundo Miranda (2019), o jogo textual que o sujeito faz de tentar construir um texto a partir de outro, acaba construindo um mascaramento do sentido do texto-fonte ao tentar dizê-lo de outro modo. A referida autora afirma, ainda, que “Essas marcas, que fazem surgir dois pontos de vista diferentes sobre o mesmo referente, são responsáveis pela construção ou reconstrução do sentido do texto, do discurso de si e/ou do outro” (MIRANDA, 2019, p. 62).

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

Considerações Finais

A discussão que levantamos, efetivamente, descortina o véu da obviedade sobre a paráfrase. A análise desse esquema de discurso citado deixa ver jogos interpretativos e as estratégias que marcam a filiação do pesquisador a uma linha de pensamento teórico. As operações, que alçamos e demonstramos, ajudam a refletir sobre a paráfrase e a filiação teórica como encontro e interação com a palavra do outro, e como marca de alteridade.

A paráfrase é uma atividade de deslocamento, que exige do pesquisador a compreensão do discurso de outrem e a mobilização da palavra alheia na construção de novos enunciados. Esse deslocamento vai ao encontro do que diz Bakhtin (2003) sobre o enunciado ser capaz de refletir e refratar sentidos: reflete o discurso de outrem do mesmo modo que refrata, já que não se pode pensar que existe um controle sobre os sentidos.

No jogo interpretativo, que se materializa a partir desse esquema de discurso citado, algo se perde, assim como é acrescentado, especialmente quando parafrasear envolve a escrita de uma pesquisa e o investimento em se colocar como filiado a uma linha de pensamento teórico, a partir do diálogo com autores legitimados como representantes da teoria que fundamenta a investigação do pesquisador.

Os movimentos parafrásticos analisados indiciam a atividade responsiva do pesquisador em relação aos discursos outros convocados para a construção de um ponto de vista científico. São vozes legitimadas academicamente e capazes de atuar como legitimadoras de novos enunciados.

Vozes que falam antes e promovem a sensação de uma espécie de transparência calma aos que se arriscam se colocar como membro de uma linha de pensamento, a lidar com as formas de controle e a relação entre os já-ditos e a produção do novo, com o reconhecimento da instituição acadêmica, a partir publicação em revistas. Ter o artigo publicado é uma forma de legitimação do sujeito como pesquisador que representa e fortalece o discurso científico e alimenta uma concepção de língua e ensino.



SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Palavras mantidas a distância. *In: Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 217-237, 2004.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem / Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov)**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. “Sequências didáticas para oral e escrita: a apresentação de um procedimento” *In: SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004, p. 81-108.

FUCHS, C. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? Tradução de João W. Geraldini. **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: Editora da Unicamp, n. 8, p. 129-134, 1985.

FRANÇA, Katia Cilene Ferreira. **A filiação teórica na escrita do pesquisador em formação: uma análise sobre a genealogia do dizer acadêmico pelas formas da língua**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 176. 2018.

MIRANDA, Maria Aparecida da Silva. **Articulação de vozes na escrita do pesquisador em formação: análise de arranjos linguísticos na produção escrita acadêmica**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 173, 2019.

Como citar este artigo (ABNT)

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S. **Paráfrase: um jogo de reflexão e refração de sentidos**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

SILVA, R. F.; SOUZA, M. C. S. (2021). **Paráfrase: um jogo de reflexão e refração de sentidos**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Recebido em: 20/05/2021

Aprovado em: 20/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

